

Apresentação da Edição Temática: História e Memória do Turismo

Thiago Duarte Pimentel, André Barcelos Damasceno Daibert & Valéria Lima Guimarães

Iniciando nossos trabalhos da Revista Anais Brasileiros de Estudos Turísticos (ABET), trazemos nesta primeira edição um dossiê temático dedicado à *História e Memória do Turismo* no Brasil, organizado em conjunto com os editores convidados, professores doutores e pesquisadores André Barcelos Damasceno Daibert (UFJF) & Valéria Lima Guimarães (UFF). O dossiê temático pretende servir de espaço para agregar, dar continuidade e aprofundar os debates realizados junto ao Simpósio Temático de mesmo nome que se reuniu pela última vez na cidade de Brasília em julho de 2017, no âmbito do XXIX Simpósio Nacional de História.

Tal simpósio se reuniu outras duas vezes: a primeira vez durante o XXVI Simpósio Nacional de História, realizado em São Paulo em julho de 2011 e teve continuidade no XXVII Simpósio, realizado em Natal, em julho de 2013. O sucesso das duas edições do ST, que reuniram um expressivo conjunto de pesquisadores e alunos de pós-graduação trabalhando com o tema, resultou na preparação do livro *“História do Turismo no Brasil”* (Ed. FGV, 2013) e o dossiê temático *“História do Turismo”* (Revista Rosa dos Ventos, 2014). Além de agregar os pesquisadores participantes de tais eventos, o presente dossiê anseiou ainda abrir espaço para outros investigadores que por ventura estão pesquisando tal temática.

Neste sentido, o dossiê também pretende ajudar a fortalecer os grupos de pesquisa emergentes sobre o tema, iniciados em encontros passados no próprio âmbito da ANPUH (Associação Nacional de História). Observamos que pessoas com formações e trajetórias acadêmicas diversas, nas diferentes regiões do país, tem se reunido em torno do tema da história e memória do turismo no Brasil nos últimos anos.

Este dossiê é composto por 8 (oito) contribuições, todas na forma de estudos de caso, que enfatizam diferentes objetos e ponto de vista: passando pela resignificação dos lugares em função do e para o turismo, gerando novas camadas interpretativas; pelos olhares antropocentristas e estereotipados da pobreza; passando ainda pelos relatos de viagem, pelos guias, saraus, espaços de lazer, pela história da aviação e dos *souvenirs*.

Todos estes objetos, ressignificados por novos olhares – turísticos – revestem de novas funções objetos já anteriormente existentes.

Como primeiro artigo desta edição trazemos o texto *“Turistificação” de um Lugar de Memória é Possível? um estudo sobre o sítio arqueológico do Cais do Valongo (Rio de Janeiro, Brasil)*, assinado por Angela Teberga de Paula & Vânia Beatriz Merlotti Herédia, cujo objetivo central é analisar e discutir a reapropriação para uso turístico de um elemento cultural - o Cais do Valongo, RJ – espaço cuja história e memória está ligada aos afrodescendentes e ao período escravocrata no país. Tal espaço ao ser convertido em espaço cultural, revestiu-se de importância e representativa dos demais elementos culturais daquela cidade, tornando-se assim interessante para ser utilizado turisticamente também como ícone de um determinado segmento da cidade. Apoiado numa discussão sobre os conceitos de memória coletiva, de Candau (2011), e de lugar de memória, de Pierre Nora (1993), as autoras analisam como se dá a relação entre espaço e identidade social de um determinado grupo e como tal manifestação simbólica se materializa e perpetua ao longo do tempo pelas marcas deixadas neste lugar, revelando, entre outras coisas, como a própria apropriação política oficial por parte do Estado – por meio de políticas públicas – é um mecanismo importante tanto no processo de resignificação deste espaço e sua conversão em um bem cultural, quanto no seu uso turístico. Na perspectiva das autoras o turismo, no Cais do Valongo, deve ser o fenômeno conciliador entre diferentes atores (poder público, iniciativa privada e movimento negro), cujo protagonista é o grupo que reivindica sua memória, os afrodescendentes.

O segundo artigo desta edição – *Das Primeiras Expedições ao Turismo Organizado: a trajetória das visitas nas favelas da cidade do Rio De Janeiro* – da professora mestra e pesquisadora Caroline Martins de Melo Bottino remonta à “invenção das favelas” – intervenções urbanas da gestão do Prefeito Pereira Passos, no início do século XX – e seu desenvolvimento para discutir como tais espaços sociais marginalizados se converteram num tipo de atrativo para práticas sociais turísticas etnocêntricas – *slumming* – de visita e observação da vida



Licenciada por Creative Commons
Atribuição Não Comercial / Sem
Derivações/ 4.0 / Internacional

* Doutor em Ciências Sociais / UFJF. Mestre em Administração de Empresas / UFMG. Bacharel em Turismo / UFMG. Professor e pesquisador UFJF em tempo integral, pós-graduação em Ciências Sociais e Turismo e Ciências Humanas. Membro da Associação Internacional de Especialistas Científicos em Turismo / AIEST. Professor visitante EUA, México, Cuba, Equador. Editor Chefe das revistas Anais Brasileiros de Turismo / ABET e Revista Latino-Americana de Turismologia / RLAT. Diretor do Centro Latino Americano de Turismologia / CELAT e do Observatório Econômico e Social do Turismo / OEST. CV: <http://lattes.cnpq.br/9841188234449467>. Universidade Federal de Juiz de Fora, Instituto de Ciências Humanas, Departamento de Turismo. R. José Lourenço Kelmer, Campus Universitário, CEP: 36036-330, Juiz de Fora/MG, Brasil. thiago.pimentel@ufff.edu.br

humana em condições marginais. Tal prática iniciada na Inglaterra, em sua era vitoriana, parece ter sido também aplicada aqui, sobretudo, na segunda metade e com mais intensidade no último quartel do século XX, onde a mesma é inclusive apoiada e patrocinada pelas autoridades públicas como forma de conhecer uma das características mais marcantes da sociedade carioca. Ao construir uma cronologia das visitas às favelas, desde o seu surgimento até os dias de hoje, a autora resgata desde os primeiros relatos a respeito da vida no morro vieram dos engenheiros, higienistas e cronistas, até a visita de pessoas ilustres: poetas, artistas, políticos até líderes religiosos e monarcas, um processo muito semelhante ao *slumming* inglês. As expedições às favelas foram sendo registradas ao longo dos anos, nos permitindo acompanhar sua evolução histórica até a sua inserção no turismo, transformando-se em atrativo e fazendo parte dos guias turísticos da cidade. Contudo, ela pondera que apesar do que têm se acreditado, até o momento, de que o turismo foi responsável por incentivar as visitas às favelas cariocas, o que se vê que este espaço já despertava curiosidade, interesse e atraía visitantes desde o século passado.

Amanda Danelli Costa e Karina Gomes Silva Garcia são responsáveis pelo terceiro artigo desta edição: *Imagens Turísticas da Cidade do Rio de Janeiro nas Três Primeiras Décadas do Século XX: uma viagem através de guias, mapas e das crônicas de viagem em Aguafuertes Cariocas*. No artigo as autoras discutem a formação e transformação da imagem turística do Rio de Janeiro nas primeiras décadas do século XX a partir de estudos sobre guias e mapas turísticos; e refletimos sobre as imagens da cidade construídas nas representações presentes em crônicas literárias, especialmente em *Aguafuertes Cariocas* de Roberto Artl. Para as autoras as imagens turísticas se revelam de muitas formas, diretas e indiretas, como a veiculação de visões da cidade através dos guias e mapas turísticos, crônicas literárias publicadas aqui e alhures e também algumas ações de intervenções urbanísticas que visavam atualizar a cidade e adequá-la aos gostos das modernas formas de lazer. Nesse sentido, a recuperação da percepção e produção de imagens sobre o Rio de Janeiro para a Argentina – nosso principal mercado emissor de fluxo turístico – ajuda a mostrar como se foi construindo esse imaginário complexo, contraditório e multifacetado sobre a cidade maravilhosa.

Também abordando a produção de imagens pela literatura, em particular, aquela destinada a visitantes, o quarto texto deste número - *Porto Alegre como Destino: vestígios de iniciativas de ativação turística a partir da literatura para visitantes* – dos professores

doutores e pesquisadores Maurício Ragagnin Pimentel (FURG) e Antonio Carlos Castrogiovanni (UFRGS) tratam de examinar como Porto Alegre (RS) passa a fazer parte do Sistema Turismo, por meio da análise das iniciativas para habilitar esse território ao Olhar do Turista, da articulação da função turística em Porto Alegre se altera com a evolução urbana da cidade e interação com outros impulsos urbanizadores da cidade e de como tais iniciativas locais refletem movimentos, ou tendências, mais amplas do que é entendido por Turismo. Ao analisarem 135 documentos – desde folhetos e guias de viagem, folhetos, catálogos a matérias na imprensa – os autores identificaram cinco arranjos do turismo neste destino, a saber: 1) o enquadramento em cânones turísticos à Exposição do Centenário Farroupilha (1935); 2) “Porto Alegre: cidade de turismo” e o Guia Touring Club (1945 e 1955); 3) Turismo como função do poder público, Embratur e Epatur em 1978; 4) Abertura econômica e a Administração Popular (1989-2004) e 5) Copa do Mundo (2005-2015). Com esta periodização, os autores propõem que enquanto os quatro primeiros processos, em que se evidencia o caráter histórico e situado do desenvolvimento da função turística nesta metrópole regional, o último período é marcado por um processo com avanços, retrocessos, intermitências e, sobretudo, periférico a outros interesses que pautam a produção do espaço urbano.

História em Verso e Prosa: representações femininas no roteiro do atrativo turístico um sarau imperial em Petrópolis/RJ é o quinto artigo desta edição e aborda a literatura como recurso de turistificação de atrativos, porém, agora com foco na poética. Especificamente trata das representações femininas do século XIX, a partir do texto-roteiro do atrativo turístico-cultural “Um Sarau Imperial”. No texto, os professores Jarlene Rodrigues Reis e Frederico Ferreira de Oliveira resgatam o arcabouço teórico que foi construído a partir de vertentes do turismo cultural, saraus oitocentistas, história cultural e história da mulher e o utilizam para analisar, por meio de uma observação participante, o Sarau Imperial, em Petrópolis/RJ, durante três apresentações em novembro de 2016, além de entrevista com a autora do texto-roteiro do Sarau. Na concepção dos autores o Sarau Imperial se apresenta como plataforma de representação de memórias femininas, com foco na Princesa Isabel, em um ambiente pouco tradicional, recriando a tradição dos saraus como forma de ampliar a interatividade com o público participante, convidado a refletir sobre questões contemporâneas a partir das situações encenadas. Tal encenação, por sua vez, é inserida no contexto turístico da cidade como mais uma opção (ou atrativo) para o visitante.

No texto *Parque Pelotense: um espaço de lazer em Pelotas/RS*, Dalila Rosa Hallal e Dalila Müller, ambas professoras da (UFPEL), analisam o surgimento e a trajetória do Parque Pelotense e sua importância para o lazer em Pelotas, no período de 1883 a 1916. Ancoradas na concepção de lazer de Corbin (2001), que o considera como a liberdade de usar o tempo livre para distrações ou ocupações a que as pessoas se entregam de livre vontade, sendo muito valorizado pelas elites urbanas do século XIX, as autoras evidenciam a busca pelos espaços de natureza, e dentre eles, os parques. Estes novos hábitos de convívio respondem a um processo de valorização da natureza como um espaço não submetido à ordem e à intervenção humana e importante para a saúde. Em sua visão, elas constatam que o Parque foi um dos principais espaços de natureza para o lazer dos pelotenses e de visitantes, um espaço de lazer completo para a época, com atividades ao ar livre indo ao encontro da necessidade de aproximar a população da natureza. Com o passar dos anos, foi abandonado e sua área loteada, sendo que atualmente não resta mais nada do Parque.

O sétimo trabalho desta edição, *As Memórias da Aviação e a Hospitalidade no Brasil*, de Alexandre Faro Kaperaviczus e Airton José Cavenaghi, narram os momentos marcantes da aviação brasileira que se revestiram de genuínas manifestações de hospitalidade. Ao retomar os primórdios da aviação, partindo do sonho de Icaro e culminando com o triunfo de Santos Dumont com o 14 Bis em Paris, passando pela epopéia de João Ribeiro de Barros ao concluir a travessia do Atlântico a bordo da Aeronave “Jahú”, que rendeu aos aviadores brasileiros calorosas acolhidas e efusivas comemorações onde, de forma carinhosa, eram recebidos como verdadeiros heróis, inaugurando,

assim, a hospitalidade no seio da aviação brasileira; o artigo faz assim um balanço dos momentos marcantes da aviação brasileira tomando como pano de fundo os momentos mais representativos da aviação mundial, onde a hospitalidade também se fez presente pelo apreço e acolhida da população.

Concluindo esta edição, trazemos o texto *Memória e (Não) Identidade no Suvenir Carioca: alguns recortes históricos*, de Isabella Vicente Perrotta, que se debruça sobre o estudo os artefatos que têm como função representar e lembrar o Rio de Janeiro para seus visitantes, este artigo pretende mostrar como o souvenir turístico – desde descrições de literatura de viagens, postais, guias, matérias jornalísticas, gravuras, e fotografias; depois no cinema e na TV e, mais recentemente, nas redes sociais, blogs de conteúdo e sites de busca. Para a autora, o turista reconhecer presencialmente o que já é pré-conhecido faz parte de uma necessidade de confirmação daquilo que lhe foi anunciado, mesmo que isso soe como se fosse um *déjà-vu*. Assim, o souvenir (ainda hoje), que deveriam ser símbolo do singular e do local, acabam sendo também a confirmação daquilo que já se conhecia antes da viagem. Acabam subvertendo-se ao impessoal, global, disseminado. Considerando que o Rio de Janeiro, historicamente, foi o principal acesso ao Brasil e, ainda hoje, é a cidade mais visitada do país, pretende-se mostrar como alguns souvenirs ocupam, lugar miscigenológico e/ou sinestésico de Brasil, exaltando a diversidade de uma natureza que não está exatamente presente na cidade, mas se confunde com a “selva” (natural e cultural) a que o Rio era (e ainda é) associado.

É com esse conjunto de artigos que temos a honra de lhes brindar e desejar a todos uma proveitosa e interessante leitura!

André Barcelos Damasceno Daibert (UFJF) & Valéria Lima Guimarães (UFF)
Editores convidados / Invited Editors

Prof. Dr. Thiago Duarte Pimentel (UFJF)
Editor Chefe/Editor-in-chief